CADERNOS DO
Ceas
Revista crítica de humanidades

DINHEIRO, FÉ E ANSIEDADE NO DISCURSO TEOLÓGICO DE PROSPERIDADE

Money, faith and anxiety in theological discourse regarding to prosperity

Drance Elias da Silva
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, Brasil

Informações do artigo

Recebido em 12/12/2022
Aceito em 20/03/2023
doi>: https://doi.org/10.25247/2447-861X.2022n257.p629-643

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.
Você é livre para:
Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.
Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Como ser citado (modelo ABNT)

SILVA, Drance Elias da. Dinheiro, fé e ansiedade no discurso teológico de prosperidade. **Cadernos do CEAS**: **Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 47, n. 257, p. 629-643, set./dez. 2022. DOI: https://doi.org/10.25247/2447-861X.2022n257.p629-643

Resumo

A teologia da prosperidade produz um discurso de responsabilização de Deus em relação à vitória almejada pelos fiéis. Deus é dono de todo ouro e de toda prata. Exigir, perseverar e esperar é meta de todo crente. A religião deve atuar como baluarte da luta de uma conquista e, ser vitorioso, é "chegar lá", "vencer" e testemunhar a realização da promessa do Deus da abundância. A imagem da fé como "moeda" de Deus expressa como a teologia da prosperidade negocia a relação do homem com as coisas divinas. Trabalhar cotidianamente pela prosperidade, sobretudo financeira, faz apertar o coração e suar as mãos daqueles que dizem ter certeza de que seu Deus não falhará. A máquina neopentecostal produz ansiedade religiosa, pois a relação da vida particular do simples fiel com suas metas transcendentes causa-lhe uma ansiedade que não é amiga. De olho na quantidade, o que fazer se nada conquistar? Como acalmar o coração acelerado que não vê a hora dos céus derramarem toda a promessa do criador? Os templos em seu dia a dia estão à flor da pele.

Palavras-Chave: Religião. Dinheiro. Fé. Ansiedade. Teologia da Prosperidade. Moeda de Deus.

Abstract

Prosperity Theology produces a God's responsabilization discourse concerning the victory yeaned for by the faithfuls. God is all gold and all silver owner. Demanding, persevering and hoping is all believer's goal. Religion must act as a fortress regarding to a struggle for conquest and being victorious is "arriving thither", "vanquishing and bearing witness to the abundance God's promise accomplishment. The image concerning the faith as God's "coin" expresses the way how the Prosperity Theology negotiates man's rapport with the divine things. Working dayly in search of prosperity, overall the finantial one, makes constricting the heart and soiling the hands of those ones that say being sure that their god will not fail them. The neo-pentecostal machine produces religious anxiety, since the simple faithful private life relation with his/her transcendental goals causes to him/her a kind of anxiety that is not friendly. Keeping an eye on quantity, what has one to do if one will not vanquish anything? What the way how acalming its –one's – accelerated heart that does not succeed perceiving the hour in which heavens would shed the creator's whole promise? Their temples in their day by day are on the surface of their "skin".

Keywords: Religion. Money;Faith. Anxiety. Prosperity Theology. God's "Coin".

INTRODUÇÃO

A cultura confere à atividade religiosa dimensão relativamente autônoma, na qual o símbolo funciona como elo entre o mundo humano e o mundo das potências que o transcendem1·. Tomada tal perspectiva, confere-se especial atenção ao problema do significado geral da religião para os sujeitos que a adotam. Em outras palavras, a religião em seu aspecto singular, fornece respostas plenamente satisfatórias às interrogações e às necessidades de explicação das razões últimas da existência e mesmo do sentido da vida comum. De fato, a religião coloca o indivíduo que a adota no contexto significativo em que o mal e os sofrimentos adquirem sentidos e, com isso, são compreendidos, tolerados e, por que não dizer passíveis de intervenções por parte dos sujeitos.

Importante referência sobre o fenômeno religioso é a possibilidade de conectar a experiência religiosa vivenciada ao estilo de vida particular do objeto, isto é, de "sintonizar" a ação humana com determinada ordem cósmica e, inversamente, de "projetar" as concepções da ordem cósmica sobre o plano da experiência humana (VELHO, 1995). Dessa forma, os símbolos, além de inerentes à experiência religiosa nas suas diversas modalidades mítico-rituais, podem começar a integrar a cultura dos grupos ou sujeitos oprimidos2·, os quais podem utilizar figuras e estruturas religiosas de diferentes proveniências, voltadas para o resgate da condição de marginalização a que têm sido reduzidos.

As igrejas cristãs de expressão neopentecostais têm arrebanhado para o seio de seu pertencimento, fiéis que buscam serem tirados do "fundo do poço", ou seja, resgatados de sua condição de marginalização e, não obstante, para vencer esse mundo é importante testemunhar, perante a comunidade de fiéis reunida, a superação de certa condição social desfavorável que no momento ocupam. Permanecer nesse mundo para um fiel neopentecostal é tomar para si a luta constante por um status. A "conquista" a que todos estão cotidianamente preocupados, passa, necessariamente, pela aquisição de bens

1 Concebemos cultura como conjunto de significados historicamente transmitidos sob a forma de símbolos, dos quais as pessoas humanas se servem para comunicar, perpetuar e desenvolver o seu conhecimento da vida e a sua conduta frente à vida.

2 O simbolismo e a linguagem são componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão pelo senso comum desta realidade. Vive-se em um mundo de sinais e símbolos todos os dias. No cotidiano, percebemos, então, uma dança de símbolos sem fim.

materiais que significam entre outras coisas, superação de certa desigualdade a que estão submetidas em um mundo globalizado.

A teologia da prosperidade produz um indivíduo ansioso, inquieto e permanentemente insatisfeito, pois, o seu Deus carrega sobre si a terrível responsabilidade de uma promessa de que ele, simples fiel, será vitorioso. "Chegar lá" é meta de um crente que não pode pensar na derrota, pois seu Deus é fiel. O crente neopentecostal é um evangélico ansioso e essa ansiedade não é sua amiga, pois lhe lança em um estado permanente de preocupação. A prosperidade, sobretudo, financeira, como foco do discurso teológico, lança os fiéis em situações de profundo nervosismo 3, pois caso não conquiste as coisas como símbolos de seu bem-estar e, sobretudo, de seu *status*, a falha é sua completa derrota 4, pois, não teve fé e nem perseverou o bastante.

O TESTEMUNHO COMO "BOA NOTÍCIA" E PREOCUPAÇÃO COM O STATUS

> Com Jesus não tenho do que reclamar. Com Ele eu venci, consegui criar meus quatro filhos, todos formados em economia e realizados profissionalmente. Sinto-me realizada, tenho saúde, força e sou obreira há 30 anos. Dependo de Deus e da minha fé para viver. Quando quero alcançar algo, dobro meus joelhos, oro e o Senhor me responde (FOLHA UNIVERSAL, ed. 1.044, 08 abr. 2012-14 abr. 2012).

Os testemunhos feitos a cada dia nos templos das igrejas neopentecostais, são reveladores de um perfil de muito entusiasmo, de uma notícia que é dada e preocupa o outro quanto às suas realizações, pois, o testemunho expressa sempre, que alguém "chegou lá", que Deus, o fez vencer. Essas histórias de vida narradas em testemunhos circulam nos templos cotidianamente e circundam a vida dos crentes, deixando-os preocupados. Será possível o sucesso sempre? As expectativas que os crentes nutrem baseadas em uma fé de quanto mais oferta, mais direito tem ao prêmio prometido por Deus (Cf. MACEDO, 2007, p. 10), não pode gerar mais facilmente no crente o julgamento de si mesmo como perdedor? Os testemunhos simbolizando que muitos resolveram seus problemas, que alcançaram o

3 Dos artigos publicados na Folha Universal, edição 1.044 – 08 abr. 2012 a 14 abr. 2012, depressão, nervosismo, agressividade são situações muito comuns reveladas nos testemunhos e, como causa dessas enfermidades, a condição socioeconômica encontra-se subjacente.

4 "Que é que é a angústia, senão esse sentimento em nós, com ou sem razão, da possibilidade imediata do pior"? (COMTE-SPONVILLE, 1997, p.11). A ansiedade do lado da angústia, "se baseia só em perigos possíveis"

sucesso ou atingiram o topo da pirâmide social, produz um sentimento de que tudo isso hoje é possível. Ser rico não é algo mais improvável para quem acredita que a "oferta" é certeza de uma recompensa multiplicada (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 13). Esse tipo de crença aprofunda a ansiedade, pois será absurdo para quem pratica essa fé, não conseguir tudo o que almeja e que a igreja espera também ansiosa, pelo testemunho positivo, pois, "o transbordamento generoso significa a ultrapassagem de todos os limites de tudo o que já foi generosamente devolvido. Passa-nos uma ideia de fartura e abundância tão significativas que não se podem medir" (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 23). A ansiedade pela qual passa um crente neopentecostal causada pelo tipo de Teologia desenvolvida, não aplaca essa sua ansiedade, pois o âmbito religioso que agora pertence, o envolve numa corrida sem fim pelo fruto de uma obra que não é sua, mas, do Todo-Poderoso que fará "infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos" (MACEDO, 2007, p. 23 *apud* Efésios 3). Como se acalmar, como buscar um antídoto contra a ansiedade causada por uma religião, que joga o crente no mundo para trabalhar, freneticamente, pela prosperidade? Prosperidade essa, sobretudo, material ou, econômico-financeiro.

Os testemunhos dados, feitos para circular e impressionar, até que causam certo apascentamento no coração daqueles que carregam sobre seus ombros, o peso do imperativo "tem que conquistar", pois, receber uma notícia da vitória do outro é confortante e gera no crente, movido pela fé, a vontade de buscar. Mas, diante dos testemunhos, em que ninguém é relativizado, como consolar uma vida religiosa que não ajuda como entender o tormento por que passa o fiel? Abundância como meta e fé como moeda de troca (Ibidem, p. 12) a que sociedade corresponde, senão, a um tipo centrado no dinheiro? E nesse sentido, para onde estamos sendo levados?

> Em um mundo no qual não se consegue ver mais para onde ele leva, os homens são apanhados em uma espiral de incredulidade e de ceticismo antecipado. As Igrejas já não têm a capacidade de regular as crenças e as práticas comuns. A gestão do social e da economia substituiu a utopia; ninguém mais faz votos pelo comunismo, mas o capitalismo globalizado é acompanhado de insegurança e de ansiedade. [...] Depois da era moderna do engajamento, eis a época hipermoderna da *Grande Desorientação* (LIPOVETSKY; SERROY. 2011, p. 21).

Os testemunhos dados pelos fiéis nas Igrejas Neopentecostais não asseguram nada objetivamente aos que ouvem e transbordam de desejo. Na verdade, aprofundam a ansiedade, pois, não veem a hora de que tudo aquilo se realize com ele e possa testemunhar, também, essa distinção:

> Nas sociedades contemporâneas, boa parte da racionalidade das relações sociais se constrói na disputa pela apropriação dos meios de distinção simbólica, processo imerso nas práticas de consumo. Como os fluxos de mercadorias são intensos, torna-se difícil uma avaliação do status ou da posição na hierarquia conforme o uso ou porte de determinada mercadoria. É neste contexto que o gosto, o julgamento e o conhecimento das mercadorias assumem importância, auxiliando classes e frações de classe na escolha dos bens, mecanismo que, por seu turno, tem parte ativa na recomposição das hierarquias e diferenciações sociais (MANCEBO, et al., 2002, p. 328).

O testemunho de uma causa vencida, conquistada, que representa uma aquisição de bens materiais demonstra perante os fiéis reunidos que, para além do *"amém"* coletivo pronunciado como sinal da graça alcançada, há um *status* que se propagandeia e enche o templo de muita expectativa e que fazem todos aspirar à riqueza por Deus concedida. A quebra de certa hierarquia na relação, deixada pelo fiel conquistador que pronunciou sua vitória, no momento do culto, será feita por quem perseverar fazendo uso de sua fé com coragem e determinação. Mas, a oferta, que sempre antecede o testemunho da vitória e também a representa, é quem de fato mede a diferenciação social que deve ser vencida, em breve, e firmemente pronunciada do lugar mais visível do templo: o altar.

> Da forma como se oferece no altar de Deus, também se receberá. Quem oferece parte de si não pode esperar tudo de Deus. Assim como não é justo oferecer tudo de si e receber parte de Deus. O Senhor não pode cometer injustiça. Cada um é justificado ou merecedor de acordo com sua própria fé. Então, recebe de acordo com o que dá (MACEDO, 2007, p. 27).

O DISCURSO DE PROSPERIDADE QUE INVENTA O FIEL

Podemos dizer que toda reflexão sobre Deus inventa um fiel. O que faz o discurso acima destacado, senão, produzir um tipo de fiel que se deseja e se tem como meta? A instituição quando pensa acerca de sua religião pensa sobre o fiel que se quer ter. Somos o que as palavras e o pensamento podem querer de nós e, assim, também, as instituições com suas linguagens e símbolos, pensamentos e ações. As instituições religiosas como agrupamento social legítimo pensam, se expressam e fazem agir individual e coletivamente. Inventar um fiel é moldá-lo com palavras, símbolos e ações; é ferir a sua carne com o risco da palavra, e, sobretudo, cravar-lhe o coração com emoção. Inventar um fiel sob a força do modelo da instituição é roubar-lhe autonomia. É querer vê-lo despojado da sua imaginação criativa. Mary Douglas (1998, p. 57), afirma: "Em nossa época está na moda afirmar que as

instituições sociais codificam a informação. Elas se dão o crédito de tomar decisões rotineiras, resolver problemas rotineiros e produzir regularmente pensamentos em favor dos indivíduos. Este trabalho recente é de grande pertinência". A citação acima, de autoria do bispo Macedo é de grande pertinência: "Quem oferta parte de si não pode esperar tudo de Deus. Assim como não é justo oferecer tudo de si e receber parte de Deus". Pronto. Um fiel está inventado. Basta apenas que creia nisso, pense, pratique e será um "merecedor". O discurso do Macedo como expressão de sua instituição religiosa é quem diz tudo:

> Quanto mais amplamente as instituições abrigam as expectativas, mais elas assumem o controle das incertezas, com um efeito a mais: o comportamento tende a conformar-se à matriz institucional. Se tamanho grau de coordenação for alcançado, a confusão e a desordem desaparecem. Schotter apresenta as instituições como dispositivos que minimizam a entropia. Elas começam estabelecendo regras e normas e, eventualmente, podem acabar acumulando todas as informações úteis. Quando tudo está institucionalizado, nenhuma história ou nenhum outro dispositivo de acumulação são necessários: 'A instituição diz tudo' (SCHOTTER, *apud* DOUGLAS, 1998, p. 58).

Como prosperar sem pensar, sem crer e sem praticar uma norma de conduta que põe termos na relação com aquele que diz a instituição que é o "dono de todo ouro e de toda a prata"? A igreja do bispo Macedo quando produz seu fiel o quer todo doando tudo. A máquina iurdiana como qualquer outra que denominamos ainda de "neopentecostal", move-se pela força de criar por meios dos seus preceitos, uma ansiedade que não se faz amiga[5] do fiel, pois, para ser um merecedor da dádiva divina sua oferta não passa pelo critério da qualidade, mas da quantidade: dar uma parte não é o mesmo que o todo ou, o tudo. Há quem diga que a oração apazigua o coração, trazendo conforto, mas, nos perguntamos: como isso é possível sob a influência de uma teologia que discursa sistematicamente, que Deus e o homem se relacionam conforme a quantidade que ambos têm de si para dar? Se não for o tudo também tudo ambos não terão, ou seja, a justiça é o *quantum* e não o *quale:*

> Boa medida recalcada significa medida substancial; calcada (apertada), mas não suficiente. Imagine um cesto cheio de grãos, no qual precisamos colocar uma quantidade maior que a capacidade. Procurar-se recalcar os grãos, ou seja, apertá-los bem a fim de abrir espaços para mais. O objetivo do Senhor é expandir a visão de grandeza dos Seus seguidores; libertá-los dos seus limites mesquinhos e

5 "A ansiedade, em si, aquela excitação do sistema nervoso, não é boa nem ruim. Pelo menos algum nível de excitação é necessário para a vida, e certamente níveis baixos nos motivam a agir, nos ajudando a evitar perigos físicos e psicológicos" (Cof. Revista Galileu, março 2012, nº 248, p. 43).

> miseráveis, e fazê-los 'pensar grande' e de forma ilimitada, como Ele faz.[ ] Novamente vemos o grande desejo de Deus em derramar copiosa chuva de bênçãos econômicas... Sem medida (MACEDO, 2007, p. 19.24).

No pensamento do bispo Macedo a relação entre o homem e Deus é profundamente mercadológica, pois o objeto da fé que se dá em oferta é avaliado por uma medida que a instituição decide e que é a única forma que interessa a ela: "Da forma como se oferece no altar de Deus, também se receberá". E mais: "Deus condiciona o derramamento de bênçãos sem medida ao teste que Lhe é feito com a entrega dos dízimos e das ofertas" (MACEDO, 2007, p. 24).

O discurso teológico iurdiano incentiva a busca de resultados, estabelece metas para o fiel ao lançar seus desafios por meio das campanhas a cada mês ou a cada ano. O fiel está permanente mobilizado, sendo excessivamente excitado para suportar o peso do risco a que vai ser submetido: ser usado por Deus como os profetas foram. E o que significa isso na visão do bispo Macedo? Ele mesmo explica:

> Quando Ele [Deus] acha alguém fiel e disposto a tudo para colocar em prática Sua inspiração, então, é impossível não acontecerem coisas grandes e monumentais para Sua inteira honra e glória. Foi assim com Noé, Abraão, Isaque, Israel, José, Moisés, Josué, Gideão, Davi, Elias, Eliseu; enfim, com todos os grandes heróis da fé do passado. Deus os usou nos seus respectivos tempos. Mas quem Ele quer usar nos dias de hoje? Somente aqueles que estão dispostos a depositar tudo o que são, tudo o que pretendem ser e tudo o que possuem ou venham a possuir no Seu altar. Quem tiver essa qualidade de fé para dar receberá da plenitude do que Ele é e tem (MACEDO, 2007, p. 25-26).

A instituição exige do fiel uma performance com um nível muito alto de excitação, pois ao colocá-lo em comparação com os profetas, o faz antecipar o perigo que seria, caso não se disponha à medida dessa fé – que exige depositar tudo – não receber de Deus o que ele tem. Esse discurso inventor de um fiel que se deseja é causador de uma ansiedade maligna, pois o perigo tem em contraponto o diabo como agente que divide e impede "a fé como única moeda de troca com Deus" (MACEDO, 2007, p. 12). A ansiedade maligna manifesta preocupação crônica com o diabo e o grande medo é a perda dessa fé como "excelente 'negócio' entre a criatura humana e o Criador" (MACEDO, 2007, p. 22). A fé que busca livrar-se do diabo dentro da lógica neopentecostal é testemunhada apresentando, sobretudo, êxito nos negócios com Deus, pois, como moeda de troca que simboliza, está ligada a um processo de produção de perspectiva capitalista e o diabo, como representação do mal que ninguém deseja parceiro, funciona, contraditoriamente, como incentivo à produção e, ao mesmo tempo, como prova de sua negação, pois os bens conquistados que

decorrem da luta entre Deus e o diabo são partes de Deus e consequentemente, na lógica do crente, derrota do maligno. A fé de resultado funciona na medida em que a instituição religiosa confirma, por meio de seu discurso, o diabo e o mal como figuras significativas da metafísica desse modo de produção. Na fé de resultados a relação do fiel com Deus e o diabo tem como referência o critério da utilidade e isso é característico da moderna sociedade burguesa:

> Marx e Engels mostraram que [...], na moderna sociedade burguesa, todas as relações estão, na prática, subordinadas a uma única relação monetário-comercial abstrata. Eles afirmam que relações concretas de intercâmbio entre pessoas, como no caso do discurso e do amor, não possuem significado particular, mas são expressões e manifestações de uma terceira relação que lhes é atribuída: a utilidade. Portanto, tais relações são vistas como disfarces da utilidade e interpretadas não em si, mas como o lucro vertido ao indivíduo que camuflou seus interesses. Isso pode ser visto como uma exploração de seu significado intrínseco e uma redução da relação ao individualismo (TAUSSIG, 2010, p. 41).

Um discurso religioso de prosperidade que enquadra o fiel em uma relação monetário-comercial é análogo à visão de mundo burguesa e ao comportamento social pragmático.

A MOEDA QUE AVALIA O FIEL OU O APEQUENAMENTO DO INDIVÍDUO DIANTE DO DINHEIRO

Fazer da fé a moeda de troca com Deus, simbolicamente, violenta o sentimento religioso do fiel que passa a avaliar sua relação com Deus, fazendo uso de uma imagem que, cotidianamente, refere-se a um objeto que quantifica o valor das coisas demarcando seus preços. O fiel produzido pelo discurso religioso de prosperidade financeira, deve ter como sentido de sua finalidade o prêmio, a abundância, o sucesso:

> -O dizimista fiel, por exemplo, torna-se merecedor das riquezas divinas, isto é, ele tem direito ao 'prêmio' prometido por deus.
> -Quem estiver satisfeito com a vida que tem, permaneça como está. Mas quem anseia por uma vida melhor, e eterna, tem que ser parceiro do Espírito Santo. Porque a vontade d'Ele é dar vida com abundância.
> -Os valores do nascido do Espírito são nobres e eternos porque são os mesmos do Criador. Daí haver parceria com Ele e, consequentemente, sucesso (MACEDO, 2007 p. 10.21).

Elevar a moeda à condição de troca com Deus é fazer relação entre uma realidade contingente e outra sublime. O dinheiro posto em relação ao inapreensível figura como algo equivalente e, nesse sentido, mais do que um mecanismo técnico, se expressa como algo de poder que desqualifica qualquer relação desconcertando-a:

> O dinheiro é 'vulgar', porque é o equivalente de tudo e de cada coisa; só o individual é nobre; o igual a muitos é igual à mais baixa de todas as coisas e, por isso, arrasta também aquilo que é mais excelso para o nível do que é mais baixo. Tal é o caráter trágico de todo o nivelamento: leva imediatamente à condição do elemento *mais baixo* (SIMMEL, 2009, p. 51, destaque do autor).

A lógica que se percebe no Evangelho de Marcos, capítulo 12, versículos 16 a 17, parece ser bem outra, quando diz:

> "Eles levaram a moeda, e Jesus perguntou: 'De quem é a figura e a inscrição que está nessa moeda? 'Eles responderam:' É de César'. Então Jesus disse: 'Pois devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus'".

A lógica consiste numa relação de separação e de engrandecimento: i) Separação ideológica da falsa unidade que o dinheiro expressa por meio do nivelamento entre as coisas, que faz esconder as contradições do mundo; ii) Engrandecimento de Deus, mas sem almejar prêmios, abundância nem sucesso, pois essas coisas para o mundo moderno se encontram reduzidos a valores quantitativos e têm no dinheiro o ponto de interseção dos valores. O discurso religioso neopentecostal, por exemplo, não deixa dúvidas quanto a isso, uma vez que o foco de seus empreendimentos como objetos, campanhas, programas têm no dinheiro ancoragem certa em termos de seus significados, pois ele está sempre presente como avaliador da fé do fiel que deve ofertar o melhor a Deus:

> É extremamente importante notar a sequência de multiplicação garantida pelo Senhor Jesus. Primeiro, Ele fala em boa medida. Em seguida, em recalcar a boa medida. Depois, em sacudir a boa medida recalcada. E, como se não bastasse, tudo isso generosamente transbordante. Do ponto de vista da matemática, isso é pura conta de multiplicação. Um excelente 'negócio' entre a criatura humana e o Criador. Mas, nessa troca, a moeda é a fé [...]. O retorno de Deus depende do que lhe ofertamos. A generosidade divina não é uma questão de compaixão, mas de fé prática. Ou seja, o cumprimento de Suas promessas depende da fé apresentada. A fé é a única moeda de troca com Deus (MACEDO, 2007, p. 22-23).

Vale ressaltar que, a economia que temos é capitalista e se apresenta fundamentada "na propriedade privada de meios de produção, a criação de bens supõe um possível lucro para os detentores de capitais. O empreendimento é 'uma unidade econômica de lucro,

orientada de acordo com a operação mercantil, e com o objetivo de se beneficiar da troca, segundo Weber, que diz ainda que 'o capital é então a base da forma racional da economia lucrativa'" (LAVILLE, 2004, p. 45).

Uma economia nessa direção não poderia admitir jamais experiência de troca em que o dinheiro, como um de seus objetos supremos, passe a compor outra forma de organização que a contradiga. Nesse sentido, o discurso religioso neopentecostal em nada afeta ou contradiz com suas imagens o grande ícone do sistema capitalista, o dinheiro. Isso explica o fato de que, nos rituais neopentecostais, o dinheiro é apresentado, nomeadamente, como "ferramenta de Deus" e o seu depósito em altar, "sacrifício", revela a força que tem e incide sobre a vida do fiel reduzindo sua grandeza a uma capacidade de gerar renda monetária. Essa "redução" do fiel a uma capacidade de gerar renda monetária está claro que é objetivo da fase capitalista conhecida por neoliberalismo, portanto, se estende para todos os indivíduos da sociedade. Aqui então o apequenamento do indivíduo diante do dinheiro, pois, nessa relação há um engano econômico no sentido de que passa a ideia de que a pessoa é capaz de lhe dá racionalmente com o dinheiro e assim, produzi-lo sem consequência alguma, parecendo ser normal viver sob a determinação de princípios de mercado que priorizam a competição e o individualismo.

O fiel neopentecostal é mobilizado cotidianamente para "conquistar". Ele é levado por meios de campanhas as mais diversas e criativas, a fazer esforço para atingir seus objetivos, sobretudo e prioritariamente, de ordem econômico-financeira. Isso é o foco que o fiel toma para si motivado por meio da estratégia religiosa institucional. O indivíduo percebe esse foco como algo para fora dele, é uma aspiração exterior. A instituição quando motiva pondo o foco em aspirações materiais, sobretudo no dinheiro como conquista ou bênção, não sabe das dificuldades que estão sendo geradas por conta disso na vida do fiel, pois, quando o assunto é dinheiro, na vida de qualquer indivíduo, ele tende a criar mais paixão, stress ou inveja, pois, diferentemente do *Homo economicus*, nesse momento ele se deixa levar pela irracionalidade e pelos sentimentos6. Nesse sentido e dentro do nosso propósito, perguntamos: a demora em ser "abençoado" não gera uma ansiedade que não faz bem?

6 "Deve-se lembrar, aqui, da afirmação de Lacan de que o papel original do dinheiro é funcionar como o impossível equivalente daquilo que não tem preço, o próprio desejo" (ZIZEK, 2012, p. 81).

A FÉ E O ARDIL DA ANSIEDADE OU A PROSPERIDADE QUE NÃO CURA

O discurso teológico de prosperidade elaborado pelas igrejas neopentecostais, mais do que apascenta aperta o peito de suas ovelhas. Mas, um aperto que faz o coração bater mais rápido bem como as mãos suarem: Já faz dias e a bênção ainda não aconteceu. As orações se estendem até horas da noite tirando o sono do crente que espera preocupado que o céu derrame o que Deus lhe prometera. Línguas estranhas se espalham pelo templo exigindo a fidelidade de seu criador. Até o fim da noite ele tem que responder. A Bíblia é a palavra que foi dada e não se pode não ter resposta, por isso é posta contra a parede e cada fiel a esmurra em meio aos gritos de que seu deus é fiel. A Deus é dado um *ultimato.* Todo o templo parece estar à flor da pele ou, em clima de guerra. Tudo isso não seria ao invés de sinais de êxtase religioso sintoma de uma forte crise de ansiedade?

Daniel Kahneman (*apud* WESTERHOFF, 2009, p. 43) observa que, "a combinação de otimismo e autoconfiança exagerada é uma das mais importantes forças motrizes que mantêm o capitalismo vivo". A prosperidade na vida de um fiel neopentecostal é uma meta. Ser abençoado é uma meta. A fé é trabalhada para expressar isso permanentemente. *Perseverar* no significado neopentecostal é o crente permanecer fiel no seu objetivo (realizando, por exemplo, todas as campanhas que vão sendo propostas durante o ano) vencendo todas as formas de resistências, sobretudo, as diabólicas, pois essas são causa de divisão que enfraquece a fé como sinônimo de confiança. E o enfraquecimento da confiança não é bom para os negócios com Deus e, nos tempos atuais, invariavelmente, também, não o é para o Capitalismo7 que procura parceiros que possibilite suportar o peso e a dor.

7 Aliás, o capitalismo tem buscado há muito manipular a religião em seu favor, e tal atitude, sabemos, perpassa seus mais variados contextos, sobretudo, o de hoje, pois sinais de fraqueza ideológica têm sido percebidos a ponto de se falar em "fim das ideologias" e, isso, com relação também ao capitalismo. Mas, será que o capitalismo se desapercebeu da religião ou das crenças nos dias atuais? Permitam-me aqui, em nota, uma longa citação e que, sem dúvida alguma, preocupa e há que ser discutida: "A derradeira ironia pós-moderna é, assim, o estranho intercâmbio entre Europa e Ásia: no momento mesmo em que, no nível da 'infraestrutura econômica', a tecnologia 'europeia' e o capitalismo triunfam globalmente; no nível da 'superestrutura ideológica', o legado judaico-cristão é ameaçado no próprio espaço europeu pelo assalto do pensamento 'asiático' New Age, que, sob diferentes formas, do 'budismo ocidental' (o contraponto contemporâneo ao marxismo ocidental enquanto oposto ao marxismo-leninismo 'asiático') aos diferentes 'Taos', está se estabelecendo como ideologia hegemônica do capitalismo global. Aí reside a mais alta identidade especulativa dos opostos na civilização global contemporânea: embora o 'budismo ocidental' se apresente como remédio

Portanto, no discurso de prosperidade do qual estamos aqui nos referindo, Deus e o Capitalismo merecem da parte do fiel confiança exagerada ou, em vão será manter de outra forma o negócio:

> A fé se mede por meio da qualidade da oferta que se doa. Quem semeia muito é porque crê que muito mais vai receber. O jogador que tem certeza de que acertará os números desejados arrisca tudo o que tem. Assim também se dá em relação à fé na Palavra de Deus, e quem nela crê, verdadeiramente, lança-se de corpo, alma e espírito (MACEDO, 2007, p. 16).

Para negociar com Deus a fé como sinônimo de confiança é de grande valor. O discurso de prosperidade neopentecostal leva o fiel a crer na integridade de seu parceiro de negócio. Deus jamais vai passá-lo para trás. Assim também o capitalismo neoliberal sabe que, sem confiança mútua uma relação comercial tende a fracassar. Crer é jogar arriscando tudo. O preço disso pode não está na moeda que tilinta, mas na preocupação que pode chegar a ser crônica por causa da conquista que, embora determinada, há dias ou meses que não se foi alcançada.

A ansiedade como doença ronda o fiel e ela o atinge mais cedo ou mais tarde, pois, existe ao redor dos homens uma evidência do consumo e da abundância, criada pela multiplicidade dos objetos, serviços, bens materiais, dando origem a uma mutação na ecologia humana, isto é, os homens estão mais rodeados por objetos do que por outros

---

contra a estressante tensão da dinâmica capitalista, permitindo-nos relaxar e reter a paz interior e a *Gelassenheit* [serenidade], ele efetivamente funciona como seu perfeito suplemento ideológico. Deve-se mencionar, aqui, o famoso tópico do 'choque do futuro', i. e., de como hoje as pessoas não são mais capazes de suportar psicologicamente o ritmo atordoante do desenvolvimento tecnológico e das mudanças sociais que o acompanham – as coisas simplesmente passam rápido demais, antes que se possa acostumar a uma invenção, essa invenção já foi suplantada por uma nova, de modo que, cada vez mais falta o mais elementar 'mapeamento cognitivo'. O recurso ao taoísmo ou ao budismo oferece uma saída dessa condição, que definitivamente funciona melhor do que a fuga desesperada pelas velhas tradições: em vez de tentar suportar o ritmo acelerado do progresso tecnológico e das mudanças sociais, deve-se antes renunciar ao próprio esforço de manter o controle sobre aquilo que se passa, rejeitando-o como expressão da lógica da dominação moderna – deve-se, em vez disso, 'deixar-se levar', ir com a maré, mantendo uma distância interior e uma indiferença em relação à louca dança do progresso acelerado, uma distância baseada no *insight* de que todo esse levante social e tecnológico é, em última instância, uma proliferação não substancial de semblantes que não concernem realmente ao núcleo mais íntimo de nosso ser... Aqui, quase se é tentado a ressuscitar o velho e infame clichê marxista da religião como 'ópio do povo', como o suplemento imaginário da miséria terrena: a postura meditativa do 'budismo ocidental' é possivelmente a maneira mais eficaz, para nós, de participar integralmente da dinâmica capitalista, retendo, ao mesmo tempo, a aparência de sanidade mental. Se Max Weber estivesse vivo hoje, ele certamente escreveria um segundo volume suplementar à sua *Ética protestante,* intitulado *A ética taoista e o espírito do capitalismo global"* (ZIZEK, 2012, p. 76-77).

homens, o conjunto das suas relações é mais a manipulação de bens e mensagens (organização doméstica complexa, com escravos técnicos, mobiliário urbano, a maquinaria das comunicações e atividades profissionais) que o laço com seus semelhantes. (BAUDRILLARD, 1975, p. 15).

A diversificação e ampliação das atividades religiosas com seus objetos de consumo correspondentes atualmente trazem essa característica apontada por Baudrillard de o homem, através de suas instituições, voltá-las para atender às exigências da moderna sociedade: o consumo e a abundância.

Laços de comunidades, vividas por muitas expressões religiosas, perdem-se frente à oferta de produtos e serviços que certos líderes religiosos dizem sarar imediatamente alguma miséria que se esteja vivendo. Isso parece dizer que a vida pode se deixar impregnar cada vez mais por um tipo de viver em que as pessoas prescindem do aproximar-se uns dos outros. Assim, nos separamos de nossos convívios para nos entregarmos ao "poder das mercadorias", que exige de nós uma obediência e um rito. É preferível um sabonete abençoado por um líder religioso e que contenha poderes mágicos, a um ombro amigo que possa ouvir com o seu amor:

> Também o miraculado do consumo se serve de todo um dispositivo de objetos e de sinais característicos da felicidade, esperando em seguida que a felicidade venha ali pousar. A este nível superficial, pode-se arriscar a comparação: é o pensamento mágico que governa o consumo, é uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida cotidiana (BAUDRILLARD, 1975, p. 21).

A título de exemplo, já ouvirmos nas pregações de líderes que, o vírus da AIDS "é um corpo que tem espírito" ou, "uma força maligna que toma a mente", e assim também com toda e qualquer enfermidade que abata o corpo. Nesse sentido, não há como entender, na vida cotidiana, a relação daquilo que consumimos para o nosso bem com a nossa força de trabalho, que origina esses frutos decorrentes desses processos. E segue-se acreditando em ações miraculosas, contidas nos objetos (mercadorias) que se diz serem eficientes na resolução de problemas concretos, sobretudo no campo da saúde, onde historicamente as religiões sempre focaram suas preocupações, face o drama do sofrimento humano com as doenças.

Sofrer por causa da doença é entender esta como algo que diz respeito a sua inter-relação com a sociedade. A sociedade, em seus processos diversos de desenvolvimento,

opta, neste momento histórico, por caminhos não curadores dos males que afligem o corpo, mas fazedores desses males, fazedores de doenças, na medida em que a qualidade de vida para uns é, notoriamente, verificada por se ter acesso, de fato, a todo um conjunto de bens e técnicas que favorecem a cura e o prolongamento da vida; para outros, a impossibilidade de acesso não só verificado por falta de condições econômicas e de pertencimento social diferenciado, também, e fundamentalmente, por estarem sendo relegados, em definitivo, à exclusão social. A sociedade de hoje, capitalista-liberal-consumista – sua atual opção – não é de inclusão de todos agora nem no amanhã. Em face dessa conclusão derrotista, já que no amanhã não estaremos incluídos, pergunta-se: de que se curam as pessoas que se dirigem às grandes concentrações religiosas de massa? Não seremos sempre animais doentes? Qual a cura da prosperidade neopentecostal? Conhecemos alguém que tenha ficado curado ao ter aceitado o desafio de uma ordem monetária? Qual a moeda que cura um fiel?

REFERÊNCIAS

COMTE-SPONVILLE, André. **Bom dia, Angústia!** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1975

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

LAVILLE, Jean-Louis. **Com Mauss e Polany rumo a uma teoria da economia plural**. IN: MARTINS, Paulo Henrique; NUNES, Brasilmar Ferreira. (Orgs). **A nova Ordem social**. Perspectiva da solidariedade contemporânea. Brasília: Paralelo 15, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACEDO, Bispo. **Fé e dinheiro. Conheça a única moeda de troca que podemos usar com Deus.** Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2007.

MANCEBO, D.; OLIVEIRA, D. M.; FONSECA, J. G. T. D.; SILVA, L. V. D. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 325-332, 2002.

WESTERHOFF, Nikolas. **Vale quanto custa?** IN: Revista Mente e Cérebro, nº 196, ano XVI 2009.

TAUSSIG, Michael T. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América Latina.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SIMMEL, Georg. **Psicologia do dinheiro e outros ensaios.** Lisboa: Edições Textos e Grafia, 2009.

VELHO, Otávio. **Besta fera: recriação do mundo: ensaio crítico de antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

ZIZEK, Slavoj. **O amor impiedoso (ou: Sobre a crença).** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

REVISTA GALILEU, nº 248, mar. 2012.
http://www.folhauniversal.com.br/especialiurd/noticias/pratas_da_casa_testemunhos_de_fe_e_perseveranca_dos_primeiros_membros_da_iurd-10426.html - Folha universal. Edição 1.044 – 08 abr. 2012 a 14 abr. 2012.

Dados do autor

Drance Elias da Silva

Pós-doutor pela Escola Superior de Teologia - RS (Faculdades EST), Doutorado (2006) e Mestrado (2000) em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharelado em Filosofia (1989) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Bacharelado em Teologia (1989) pelo Instituto de Teologia do Recife (ITER). Atualmente é professor adjunto da Universidade Católica de Pernambuco - Mestrado em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia. Tem experiência na área de Sociologia da Religião e Teologia. Atua principalmente nos seguintes temas: Teoria da dádiva, Sociologia da Religião, Sociologia do dinheiro e sua relação com a Religião, Religião e Mudança Social. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Religiões, Identidades e Diálogos. Editor da Revista Teologia e Ciências da Religião da UNICAP. E-mail: drance.silva@unicap.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6821-6997.